

PROJETO EDUCAÇÃO E MULTICULTURALISMO FORMAÇÃO PARA A DIVERSIDADE – EM PAUTA

Rachel de Oliveira¹
Cristiane Andrade Fernandes²
Cecília Maria Carvalho Viana³
Rosana Nascimento Almeida⁴

Resumo: Neste artigo colocamos em pauta os resultados do concurso intitulado “História dos Afrodescendentes do Sul da Bahia”, uma das ações político-pedagógica vinculada ao Projeto de Extensão denominado “Educação e Multiculturalismo: formação para a diversidade”, desenvolvido entre 2011 e 2012. Participaram deste processo grupos dos Movimentos Sociais, Organizações Não-Governamentais (ONG) o Conselho dos Direitos da Mulher de Ilhéus, educadores(as) e alunos(as) de escolas localizadas nos municípios de Ilhéus, Itabuna e Pau Brasil. Descrevemos o processo e as estratégias necessárias à organização do citado evento, que se fundamenta no diálogo do oprimido conforme perspectiva de Paulo Freire. Finalizamos dando visibilidade à produção dos(as) premiados(as), trazendo elementos significativos que parecem estar implícitos na construção de suas identidades étnicas. O trabalho oferece subsídios para outros projetos de extensão e/ou pesquisa e contribui para a formação de professores.

Palavras-chaves: Educação. Identidade étnico-racial. Resistência.

DESIGN EDUCATION AND TRAINING FOR DIVERSITY MULTICULTURALISM - IN TARIFF

Abstract: In this article we put in question the results of the contest titled "History of African Descent in Southern Bahia", a political-pedagogical actions linked to the Extension Project entitled "Multiculturalism and Education: Training for diversity, developed between 2011 and 2012. Groups participated in this process of Social

1 Professor Adjunto da Universidade Estadual de Santa Cruz/Uesc, no Departamento de Ciências da Educação (DCIE). Coordenadora do projeto Educação e Multiculturalismo: formação para a diversidade.
E-mail: <rakkadeoliveira@gmail.com>.

2 Professor Substituto da Universidade Estadual de Santa Cruz/Uesc, no Departamento de Ciências da Educação (DCIE). Vinculada ao projeto Educação e Multiculturalismo: formação para a diversidade.
E-mail: <crisuesc@gmail.com>.

3 Bolsista no projeto Educação e Multiculturalismo: formação para a diversidade. Universidade Estadual de Santa Cruz/Uesc, Departamento de Ciências da Educação (DCIE).

4 Bolsista no projeto Educação e Multiculturalismo: formação para a diversidade. Universidade Estadual de Santa Cruz/Uesc, Departamento de Ciências da Educação (DCIE).

Movements, Non-Governmental Organizations (NGOs), the Council of Women's Rights in Ilhéus, educators and students school located in the cities of Ilhéus, Itabuna and Pau Brasil. We describe the process and strategies for the organization of that event, which is based on the dialogue of the Oppressed by Paulo Freire perspective as giving visibility to finalize production of (the) winning (as) bringing significant elements that seem to be implicit in the construction of their identities ethnic. The paper provides background for other outreach projects and /or research and contributes to the training of professors.

Keywords: Education. Ethnic-racial identity. Resistance.

Introdução e Objetivos

O Projeto Educação e Multiculturalismo: formação para a diversidade surgiu historicamente como resultado das diferentes reivindicações dos Movimentos Sociais, compostos por mulheres, negros, indígenas e outros segmentos, no final da década de 1970. Este processo proporcionou mudanças expressivas na Constituição Brasileira, promulgada em 1988, que, diferentemente, das anteriores se aproximou da perspectiva dos Direitos Humanos. Esta orientação, evidentemente, se estendeu para os diversos campos sociais e áreas do conhecimento, estimulando a construção de novos fundamentos jurídicos e teóricos para o debate sobre relações étnico-raciais.

No campo da educação, a Lei 9.394/96 das Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDBEN) tornou obrigatória a inclusão da história e da cultura africana, afro-brasileira e indígena. Nesta direção, também, foi colocada em pauta outras questões sociais igualmente importantes, como as relativas aos portadores de necessidades especiais, entre outras. A mais recente conquista foi a promulgação das Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Quilombola, em 2012.

A partir destes marcos legais, notadamente, o artigo 26-A da LDBEN que prescreve: “Nos estabelecimentos de ensino fundamental e de ensino médio, públicos e privados, torna-se obrigatório o estudo da história e cultura afro-brasileira e indígena”, as escolas do Ensino Básico começaram a se mobilizar para a reorganização dos Projetos Políticos Pedagógicos (PPP), com a finalidade de democratizá-los. Inicia-se, também, nas universidades públicas, uma nova vertente para a elaboração de projetos de Iniciação Científica, projetos de pesquisa, projetos de extensão, além de disciplinas envolvendo as temáticas citadas.

Na Bahia, a exemplo do que ocorre em outros estados, tem sido frequente a criação de mestrados e doutorados com linhas de pesquisas específicas para o debate sobre as relações étnico-raciais, tendo como fundamento os denominados Estudos Culturais, que analisam os diferentes processos de resistência e construção de identidade, defendidos por Apple (1989), Giroux (2003) e Stuart Hall (2003).

Soma-se, a estes estudos, o “Multiculturalismo Crítico”, proposto por McLaren que abarca questões relacionadas à classe, ao gênero, à raça/etnia, à idade, mas também ao preconceito, à discriminação, ao estereótipo, à xenofobia e a outros conceitos, que ajudam a compreender a origem das desigualdades. Para McLaren (1977), o lugar social é determinado por este leque de variáveis que se inter-relacionam. Estas variáveis permeiam igualmente o espaço escolar influenciando, negativamente, o desempenho intelectual e afetivo dos alunos das classes populares, porque nega seus saberes, suas tradições e seu modo de interpretar o mundo.

Paulo Freire considerava a educação, a cultura e a escolarização como questões essencialmente políticas e estreitamente vinculadas ao poder econômico. Neste sentido, compactuava com os fundamentos teóricos propostos por Giroux e McLaren, dois de seus muitos companheiros de debate sobre a função da escola para os oprimidos. Nosso projeto se pauta ba-

sicamente na perspectiva destes três estudiosos, ou seja, no Multiculturalismo Crítico, nos Estudos Culturais e na Pedagogia do Oprimido. E nosso desafio tem sido a construção de ações pedagógicas de superação ao preconceito a partir do diálogo com as escolas.

Podemos afirmar que os três principais sistemas sociais representados pelo capitalismo, marxismo e o socialismo, doutrinas vinculadas à economia e, conseqüentemente, à divisão de renda, não explicam, a não ser pelo preconceito, porque em todo o mundo as mulheres e os negros são mais pobres e os homens brancos mais ricos. Do mesmo modo, em todo mundo, as desigualdades de gênero são os exemplos mais visíveis. Os homens ainda são considerados os seres mais capazes e dotados de razão, portanto desempenham funções privilegiadas e bem pagas. Esta postura de superioridade é sustentada pelo Estado, por diferentes religiões, por muitos teóricos e, muitas vezes, pelas próprias vítimas: as mulheres.

Mas, evidentemente, homens africanos, europeus, indianos, ciganos, norte-americanos e membros de outros grupos não exercem o mesmo poder sobre o conhecimento, a economia, a ciência e a política. Ao analisar o contexto mundial, confirmamos que, historicamente, os europeus e norte-americanos são os que detêm mais privilégios dentro e fora de seu continente e/ou país.

O Brasil pós-colonização continuou a preservar todas as esferas, notadamente, no campo da educação, os fundamentos teóricos e metodológicos eurocêntricos, com forte tendência a considerar como legítimos apenas os conhecimentos produzidos a partir da Grécia antiga, caminhando para a modernidade, praticamente sem questionamento.

Um dos objetivos da academia, senão o principal, é a preservação destes conhecimentos denominados científicos que se contrapõem aos saberes tradicionais produzidos pelos diferentes povos. Boaventura de Souza Santos argumenta que:

A ciência moderna não é a única explicação possível da realidade e não há sequer qualquer razão científica para considerar melhor que as explicações alternativas da metafísica, da astrologia, da religião da arte ou da poesia. A razão porque privilegiamos hoje uma forma de conhecimento assente na previsão e no controlo dos fenômenos nada tem de científico é um juízo de valor (2003, p.83).

Muitos grupos sociais são produtores de conhecimentos não reconhecidos pela ciência, desprovidos de poder são silenciados. No Brasil, os indígenas e os negros foram proibidos de falar sua língua, praticar sua cultura e sua religião e, em tempos não tão remotos, eles não tinham acesso à escola. Paradoxalmente o país era partidário da democracia racial que o pressupõe. Durante muito tempo, nosso país acreditou na democracia em que se admite a igualdade de oportunidade individual e coletiva, este mito provocou profundas desigualdades e privilegiou apenas parte da população branca.

Entretanto, como citamos acima, atendendo às muitas reivindicações dos Movimentos Sociais, a Constituição Brasileira, promulgada em 1988, começou a rever as diferentes histórias de exclusão. Novas leis foram formuladas, e teóricos vinculados à transformação social abriram caminho para o diálogo com os excluídos.

Metodologia

Desde agosto de 2008, membros do Projeto Educação e Multiculturalismo vêm de diferentes maneiras dialogando com a comunidade escolar sobre a elaboração de práticas pedagógicas para a inserção da história e da cultura dos afro-brasileiros, a partir dos estudos citados acima. Considerando a perspectiva do multiculturalismo crítico, nosso foco tem sido o fortalecimento das diferenças e o combate a todas as formas de desigualdades.

Nosso contexto são as escolas localizadas nos Municípios de Ilhéus, Itabuna e Pau Brasil. Trabalhamos basicamente no interior das instituições que aderiram ao projeto, realizamos pequenos encontros nos municípios e, periodicamente, apresentamos os resultados para a universidade em forma de seminários, com a participação das comunidades e das equipes gestoras.

Um dos pontos críticos do projeto tem sido o debate sobre a afirmação da identidade étnica. Nos processos de formação, ao levantarmos as dificuldades para o debate, os professores apontaram duas questões consideradas por eles cruciais: o desconhecimento dos fundamentos do debate sobre as relações étnico-raciais e o fato de as crianças negras serem visíveis portadoras de acentuada baixa autoestima.

O concurso “História dos Afrodescendentes do Sul da Bahia” foi gerado a partir destas reflexões. Seu lançamento ocorreu na Uesc, em novembro de 2011, no Ano Internacional dos po-

vos afrodescendentes, conforme calendário da Organização das Nações Unidas (ONU). Na oportunidade, comemoramos também o “Dia da Consciência Negra”. Nesta ação, tínhamos o objetivo de desvendar as muitas faces do cotidiano dos jovens e adolescentes negros e, ainda, descortinar as trajetórias dos sujeitos, que contribuem de diferentes maneiras para o avanço e a preservação dos saberes das comunidades.

O Concurso apresentou duas categorias: a) Personalidades Negras da Comunidade; e b) Sou afrodescendente. A primeira se destinava ao Ciclo da Adolescência I, II e III – Seriação 7º ao 9º ano e todas as modalidades da Educação de Jovens e Adultos. A segunda abarcava alunos do Ciclo da Pré-Adolescência II e III (CPA, Sistemas de Ensino ciclado) e o primeiro segmento do Ensino Fundamental (5º e 6º ano).

Segue abaixo o quadro de classificação dos premiados por município e categoria QUADRO 1 e QUADRO 2.

QUADRO 1 – Premiação por Município

Personalidade Negra da Comunidade
1ª categoria

| Ordem | Aluno | Município | Escola | Personalidade |
|-------|-------------------------|------------|----------------------------------|--------------------------|
| 1º | Lucas R. dos S. Barros. | Ilhéus | Temístocles Andrade | Telma Sueli Soares de Sá |
| 2º | Nátilla de J. Santos | Ilhéus | Nucleada de Castelo Novo | Rita Aparecida de Jesus |
| 1º | Isabela Luise | Pau Brasil | Centro Educacional Maria Santana | Maria dos A.S. Almeida |
| 2º | Havena Anderis | Pau Brasil | Centro Educacional Maria Santana | Raimunda Lúcia da Silva |

Fonte: Arquivo do autor.

QUADRO 2 – Premiação por Município
Eu sou Afrodescendente

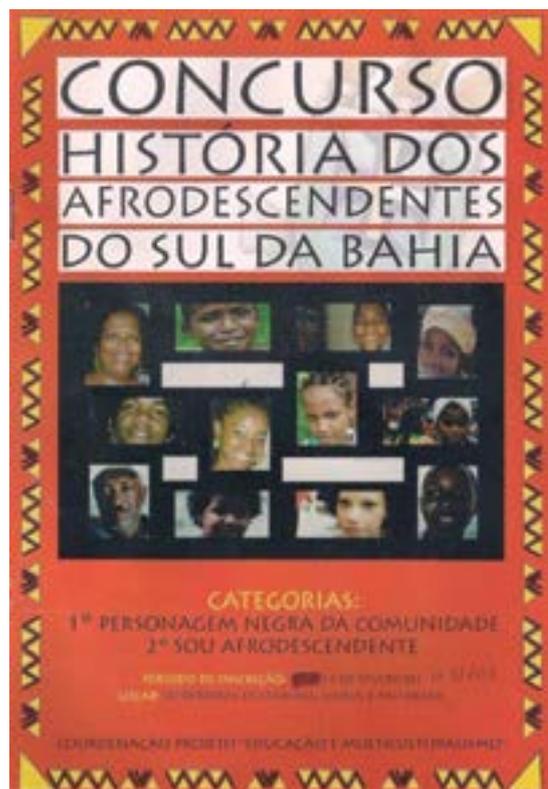
| Ordem | Aluno | | Escola | Título da História |
|--------------|----------------------------|------------|----------------------------------------|---------------------------|
| 1º | Herbert A. Nascimento | Ilhéus | Escola Municipal Temístocles Andrade | Sou Afrodescendente |
| 2º | Letícia M. Locas | Ilhéus | Escola Municipal do Pontal | Sou Afrodescendente |
| 1º | Rebeca dos S. Bispo | Pau Brasil | Centro Educacional Maria Santana | Sou Afrodescendente |
| 2º | Hélen S. de Lima | Pau Brasil | Centro Educacional Maria Santana | Sou Afrodescendente |
| 1º | Tâmara Paula dos S. França | Itabuna | Escola Municipal B. Dom Ceslau Stanula | Falando de Mim |

Fonte: Arquivo do autor.

O quadro de vencedores foi composto por sete meninas e dois meninos, o município de Itabuna/Bahia, enviou trabalho somente para a categoria “Eu sou afrodescendente”. Por uma série de dificuldades, mas não pela qualidade, apenas foi premiado o trabalho escrito pela aluna intitulado “Falando de mim”.

Várias reuniões de organização aconteceram nos municípios para discutir o conteúdo das redações e o processo de premiação. Conforme citamos acima, realizamos o primeiro lançamento do projeto na Uesc e depois nos municípios parceiros, para que os professores tivessem a oportunidade de conhecer, questionar e se apropriar da proposta. Nestes eventos, distribuimos o manual do concurso, cartazes e *folder*, demonstrados nas figuras 1, 2 e 3 abaixo. Logo em seguida, as Secretarias de Educação receberam o modelo de ficha de inscrição para enviar para as escolas e, posteriormente, encaminhar para a Coordenação do Projeto “Educação e Multiculturalismo: formação para a diversidade”.

FIGURA 1: Cartaz de lançamento do Concurso



Fonte: Arquivo do autor

Por diferentes motivos, burocráticos, políticos e/ou falta de identidade com o tema, as inscrições ficaram praticamente sob a responsabilidade de professores das redes de ensino, especialistas em Educação em Relações Étnico-Raciais, ou ainda educadores militantes do Movimento Negro e da Comissão Organizadora⁵.

Até a premiação, atravessamos um período de muita tensão enquanto acompanhávamos o desenrolar das inscrições, o desenvolvimento dos trabalhos e a busca pelos prêmios.

Os alunos colocados em primeiro lugar, de cada modalidade, receberam um computador portátil e uma passagem para visitar os monumentos históricos da cidade de Salvador, tendo como seus acompanhantes os professores coordenadores dos respectivos trabalhos. Os colocados em segundo lugar receberam uma máquina fotográfica digital.

No dia 6 de junho de 2012, realizamos a cerimônia de premiação e a viagem ocorreu em setembro do mesmo ano.

FIGURA 2 – Lançamento do Concurso



Fonte: Jornal da Uesc, dez. 2011.

O processo de classificação dos trabalhos

Foram momentos especiais misturados a grandes tensões, alegria, além da ética e da seriedade. As redações foram lidas e relidas mui-

tas vezes pelos membros das comissões formadas por professores, membros dos movimentos sociais e presidentes de ONG. Naquele processo, tivemos a certeza de que a quantidade de prêmios não atendia à qualidade dos trabalhos.

⁵ A comissão foi composta por Cristiane Fernandes Andrade, Cristiane Vilas Boas, Edson Vieira, Eduardo Regis Soares Trindade, Flávia Alessandra de Souza Pereira, Flávio Gonçalves, Maria Aparecida D'Ávila Cassimiro, Maria Rita dos Santos, Paula Regina Soares de Andrade, Sandra Cristina Souza R. de Abreu, Sandra da Marra Virgem, Tereza Cristina Soares de Sá. Professores do Ensino Superior, do Ensino Fundamental e líderes da comunidade.

Do município de Pau Brasil, recebemos a maior quantidade de trabalhos, a seguir vieram os da cidade de Ilhéus, e em menor número os de Itabuna. As dificuldades não foram poucas. Neste período, houve greve de professores em Itabuna e só, por muito es-

forço de um pequeno grupo, algumas escolas continuaram participando do concurso. Todo este processo também nos ensinou a entender melhor as dificuldades dos docentes, as mazes das escolas públicas, notadamente daquelas situadas em nossa região.

FIGURA 3 – Premiação do Concurso na Uesc



Fonte: Jornal da Uesc, jan. 2012.

A premiação ocorreu na Universidade Estadual Santa Cruz (Uesc), com a presença de alunos e professores das escolas citadas nos QUADROS 1 e 2. Todas as personalidades negras, indicadas pelos alunos, compareceram e formaram uma mesa para reafirmar suas histórias e dar depoimentos sobre sua participação no concurso. Mesmo aqueles que não estavam acostumados a falar, e que, pela primeira vez, enfrentavam um público com cerca de 600 pessoas, ultrapassaram o tempo previsto falando sobre a importância daquele momento para si e para comunidade. Tanto os municípios de Pau Brasil como de Ilhéus trouxeram as personalidades negras classificadas em segundo lugar que foram igualmente apresentadas ao público. Duas homenageadas eram professoras, ten-

do uma mais de trinta anos de magistério, mas todos recebiam pela primeira vez as homenagens e um diploma de honra ao mérito.

O segundo passo da premiação, conforme o edital, foi uma visita à cidade de Salvador. Nenhum dos alunos premiados conhecia a capital do Estado. As dificuldades enfrentadas para a concretização desta viagem foram largamente compensadas pela alegria dos alunos que, ao chegar aos municípios, logo postaram imagens do passeio nas redes sociais.

Não existe espaço para descrever a emoção e o conteúdo de todos os trabalhos, por esta razão optamos por apresentar fragmentos das redações elaboradas pelos premiados na categoria “Somos afrodescendentes”. Para tanto

fizemos uma leitura qualitativa destes documentos, tentando levantar os diferentes significados implícitos nas redações.

Os alunos desvelaram fatos interessantes do seu cotidiano, parece que só esperavam um momento para dar voz a sua palavra. Neste sentido, parece válido apresentar o que disseram e como disseram. A partir daqui trocamos os nomes dos premiados por pseudônimos.

Análise e Discussão dos Resultados

Encontramos quatro expressões que se destacaram entre outros significados:

- 1) Ser afrodescendente e/ou negro(a); 2) Preconceito e como enfrentá-lo;
- 3) Porque se inscreveu; e 4) Condições econômica.

Ser afrodescendente e/ou negro(a):

Ser negra vai muito além da cor da pele e características físicas. É ter orgulho de ser afrodescendente, é sempre estar pronto para enfrentar os problemas que a vida nos traz, é saber conviver com as diferenças e individualidades, é saber que apesar de sermos diferentes temos o mesmo valor [...] O que define uma pessoa é o seu caráter e os valores morais que ela possui (Lua).

Gosto de ser negra. Meus cabelos são naturais e crespos. Uso meus cabelos do jeito que eu quero: gosto de fazer tranças soltas ou embutidas, tranças com passadeiras e cachinhos. Não tenho vergonha de ser negra, porque eu valorizo meus lábios grossos meu nariz largo e meu cabelo duro. Toda essa beleza foi herdada de minha família e dos meus antepassados (Estrela).

Descobri que sou negro numa aula na segunda série, quando a professora explicava sobre as raças e começou a dizer que o colega era branco por causa de seus traços, que o outro era negro

por tal característica, e eu me identifiquei com as características que ela descreveu. E ali, naquela aula e não na minha certidão de nascimento descobri minha verdadeira identidade. Isso foi um marco na minha vida. Eu tenho orgulho de ser negro, embora seja muito difícil em algumas situações (Sol).

As expressões vergonha e orgulho aparecem nas três redações, dão a impressão de que os alunos respondem àqueles que tentam desvalorizá-los, que dizem ou pensam que eles têm vergonha da sua cor. Gosto de ser negra afirma Estrela uma menina de 10 anos. Ela destaca as características físicas desvalorizadas pelo padrão de beleza, mas seu relato extrapola e foca também, de um modo simples, a herança dos antepassados.

Sol descobriu-se negro em sala de aula quando a professora se referiu às diferenças fenotípicas dos seres humanos. Ele completa dizendo que isto foi um marco na vida dele. Parece que ele fez muito esforço para tornar este marco positivo. Nossas personagens afirmam querer ser o que são mesmo em meio às vozes muito dissonantes.

Para Paulo Freire (2005, p.32) afirma que a vontade de *ser mais* e uma vocação inerente ao ser humano, sentir-se desvalorizado é apenas um fenômeno temporário resultado de imposições do dominador.

A desumanização que não se verifica, apenas, nos que tem a sua humanidade roubada, mas também ainda que de forma diferente, nos que a roubam é distorção, possível na história, mas não vocação histórica. Na verdade se admitíssemos que a desumanização é vocação histórica dos homens nada mais teríamos a fazer, a não ser adotar uma atitude cínica e de total desespero. A luta pela humanização pelo trabalho livre, pela desalienação, pela afirmação dos homens como pessoas, como 'seres para si', não teria significação. Esta é possível porque a desumanização, mesmo que um fato

concreto na história, não é, porém, destinado, mas resultado de uma ‘ordem’ injusta que gera violência dos opressores, e esta, o ser menos (grifos do autor).

Preconceito e como enfrentá-lo

E mesmo se sofrermos preconceito, sabemos buscar nossos direitos e ter sempre em mente “sou afrodescendente, sou vencedor” (Lua).

Portanto, participar desse concurso para mim é mostrar que nós negros temos o nosso valor, assim como precisamos conquistar melhores espaços na sociedade (Estrela).

Desde quando nasci a minha vida foi difícil, tenho enfrentado discriminação e preconceitos através de apelidos maldosos e muitas gozações, que eu não entendia porque acontecia, ficava triste sem entender, mas não me deixava abater, sempre dava a volta por cima para conquistar os meus alvos, os meus objetivos (Sol).

Estas falas revelam o sofrimento psicológico destas crianças, mas também o prejuízo moral causado pelo preconceito, por outro lado desvela a falta de comprometimento dos adultos. Parece que enfrentam esta questão de modo solitário, apenas com bravura interna, sem palavras. Seguindo em frente fazendo de conta que não percebem.

Em certos momentos Lua essencializa a questão argumentando que os negros têm uma força interior que ultrapassa a razão. É esta força que os ajuda nas piores situações. Mas nossas personagens sabem que têm os mesmos direitos e que é preciso buscá-los como instrumento de combate aos preconceitos.

Porque se inscreveu

Achei muito importante e valoroso falar de mim, não só como estudante, mas como estudante negro. Falar da importância e do orgulho

de ser negro, de ser um afrodescendente dentro da escola, falando o eu sente e o que viveu sem medo, sem problemas e sem piadas (Sol).

Participar desse concurso para mim é mostrar que nós negros temos o nosso valor, assim como precisamos conquistar melhores espaços na sociedade (Estrela).

Decidi participar do concurso porque além de achar a proposta interessante, gostaria de relatar minha história e falar o que é ser negra. E como isso sempre me ajudou, ajuda e ajudará a resolver os meus problemas (Lua).

Quantas crianças oprimidas e desvalorizadas devem estar esperando uma oportunidade para dizer a sua palavra, para se tornar protagonista em lugares em que não são vistas. O concurso não só desvelou mazelas, mas provocou encontros, reflexões, produziu subsídios para a formação de professores. Lua parece ter aprendido a resolver seus problemas de forma favorável, sempre compatível com seu modo de ser.

Condição econômica

Lua diz não ter boas condições econômicas.

Apesar de minha família não ter dinheiro a educação da minha irmã e a minha sempre foi prioridade (Lua).

Lua, Sol e Estrela moram em bairros de periferia, com péssima infraestrutura, parecem estar bem em relação aos outros moradores. São crianças que demonstram ter o apoio familiar e “consciência” dos problemas do bairro. Mas, embora Sol diga que pertence à classe média, também argumentou, como citamos acima, ser altamente discriminado pela sociedade tal como Lua e Estrela.

Eu sou de um lar de classe média. Minha casa têm dez cômodos e é bastante confortável (Sol). No meu bairro tem festas, escolas e muitas pesso-

as de bem. Porém, tem também violência, ruas sem asfalto e principalmente sofre um grande preconceito de pessoas de fora, pois elas acham que nele só existem bandidos (Estrela).

Por entender que a classe social não determina o lugar dos sujeitos na sociedade, notadamente quando se trata dos lugares simbólicos, como o lugar do afeto, que implica diretamente na aceitação do Outro. O multiculturalismo crítico ultrapassa a questão de classe, e afirma que:

O multiculturalismo conservador deseja assimilar os estudantes a uma ordem social injusta ao argumentar que todo membro de todo grupo étnico pode colher os benefícios econômicos das ideologias neocolonialista e de suas práticas sociais correspondentes. Mas, um pré-requisito 'para juntar-se a turma' e desnudar-se, desracializar-se e despir-se da própria cultura (MCLAREN, 1997, p. 115, grifos do autor).

Considerações finais

O trabalho apresentado trata de velhas questões pouco discutidas no interior das escolas, apesar dos avanços legais e de uma série de políticas de ações afirmativas. Oliveira (1992), ao analisar o discurso da escola sobre a situação das crianças negras, diagnosticou que os professores mantêm baixa expectativa em relação ao seu desempenho, afirmando que as próprias se discriminam. Entretanto muitos possuem dificuldades para ouvir suas vozes, entre outras, e distinguir falas parecidas como a de Sol, de Lua e de Estrela, que representam, talvez, um número pequeno de crianças negras que querem fortalecer a sua identidade. É preciso respeitar as diferenças e não compará-las aos padrões impostos. A análise de três redações pode ser considerada metodologicamente pouco significativa; entretanto, o conjunto das 30 redações que chegaram às mãos da comissão

julgadora expressava, de diferentes formas, o mesmo conteúdo.

Valeria apenas analisar o perfil dos professores que se inscreveram como coordenadores das atividades, talvez não sejam aqueles que alegam desconhecimento da história dos afrodescendentes ou então são aqueles que o diálogo sobre a diversidade cultural e a justiça social as tenham transformado.

Foi gratificante perceber a alegria dos pais, dos colegas e da comunidade presentes à premiação. A experiência parece indicar que estamos no caminho certo, mas também indicam que é preciso ampliar e aprofundar o debate.

A avaliação das escolas que participaram do concurso foi muito positiva, nossa expectativa é que este concurso tenha influenciado também o olhar das crianças brancas que, poucas vezes, veem os colegas negros como seres igualmente valorizados. Vale ressaltar que os alunos fenotipicamente brancos não foram proibidos de participar. Uma aluna considerada branca, no contexto brasileiro e nordestino, decidiu participar, justificou ser afrodescendente por ser neta de negros e por ser solidária ao preconceito sofrido pelos avós. Vale também afirmar que o debate sobre diversidade cultural e/ou sobre relações étnico-raciais envolve todas as etnias.

REFERÊNCIAS

APPLE, Michael W. (org.). **Educação e poder**. Tradução Maria Cristina Monteiro. Porto Alegre: Artes Médicas, 1989.

APPLE, Michael W. **Política cultural e educação**. Tradução Maria José do Amaral Ferreira. São Paulo: Cortez, 2000.

GIROUX, Henry A. **Atos impuros**. A prática e a política dos estudos culturais. Tradução Ronaldo Cataldo Costa. Porto Alegre: Artmed, 2003.

GIROUX, Henry A. **Teoria crítica e resistência em educação**. Tradução Ângela Maria B. Biaggio. Petrópolis: Vozes, 1986.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. 47. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2005.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Tradução Tomás Tadeu da Silva; Guacira Lopes Loro. Rio de Janeiro: DP&A, 2003.

OLIVEIRA, Rachel de. **Relações raciais na escola: uma experiência de intervenção**, 1992, (Dissertação) – Mestrado em Educação - Pontifícia Universidade Católica, São Paulo.

MCLAREN Peter. **Multiculturalismo crítico**. Tradução Bebel Orofino Schaefer. São Paulo: Cortez, 1997.

SANTOS, Boaventura de Souza. **A gramática do tempo: para uma nova cultura política**. São Paulo: Cortez, 2006. v. 4.